

Benjão investe em álbum com guitarras africanas

PÁGINA 3



Atriz Marina Provenzano fala ao Correio

PÁGINA 5



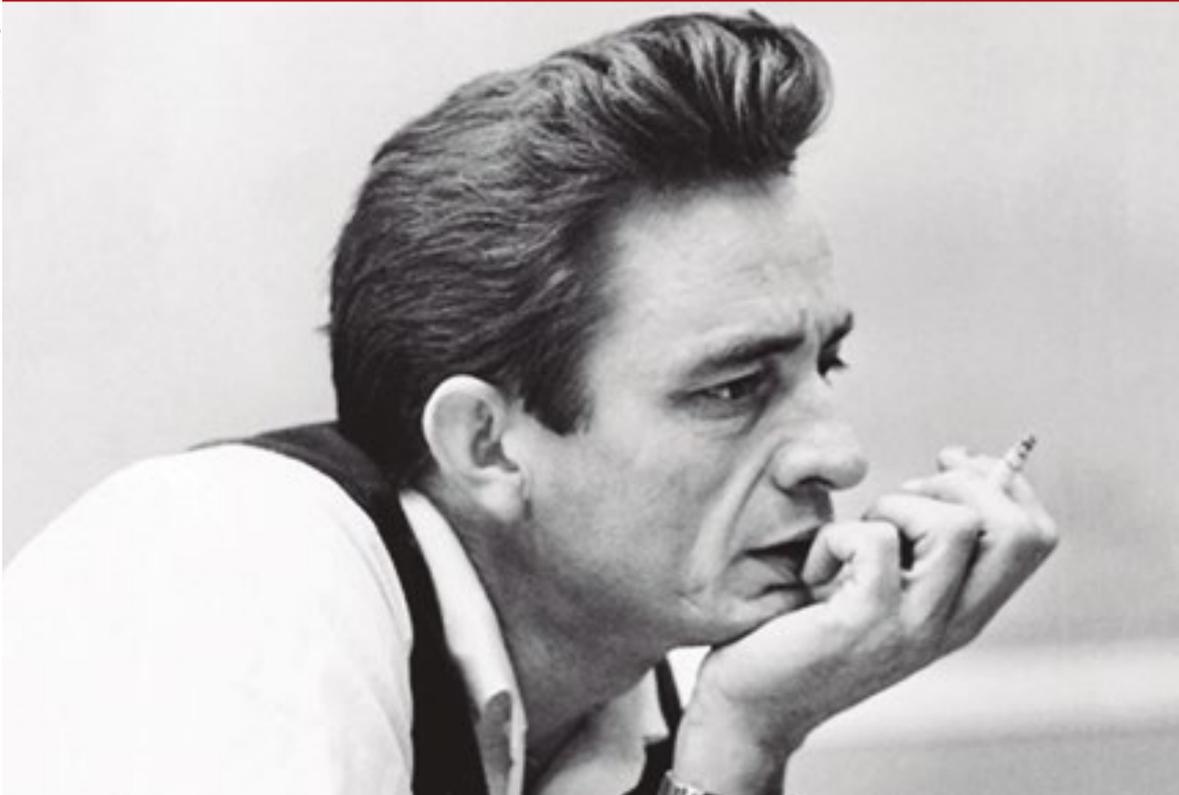
'Três Irmãos' repagina obra de Jorge Amado

PÁGINA 6



2º CADERNO

Reprodução



Pouco tempo depois da frutífera sessão, Johnny conheceu o produtor Rick Rubin, essas gravações foram arquivadas, e os dois embarcaram em uma importante e prolífica parceria musical que revitalizou a carreira do artista Man in Black até o fim de sua vida.

Trinta anos mais tarde, John Carter Cash, filho de Johnny, redescobriu as músicas e as reduziu apenas aos vocais poderosos e cristalinos de Johnny e ao violão. Ele e o coprodutor David Ferguson convidaram músicos escolhidos a dedo que

Dono de uma carreira de altos e baixos, Johnny Cash gravou composições de várias fases de sua trajetória artística para um projeto que acabou sendo abortado na época

tocaram com Johnny, incluindo o guitarrista Marty Stuart e o falecido baixista Dave Roe, além do baterista Pete Abbott e vários outros, para se juntarem na Cash Cabin, espaço sagrado em Hendersonville, Tennessee, onde Johnny compunha, gravava e relaxava. A missão: dar nova vida às faixas, levando o som de volta às raízes e ao coração daquelas músicas.

Com lançamento marcado para 28 de junho pela Mercury Nashville/UMe, o álbum "Songwriter" apresenta músicas escritas exclusivamente por Johnny Cash, um dos maiores compositores e

contadores de histórias dos Estados Unidos.

Voltando o foco para as composições do próprio Johnny, a coleção de 11 faixas mostra a amplitude de uma escrita que sempre alcançou a grande extensão da condição humana. Há canções de amor, família, tristeza, beleza, salvação espiritual, sobrevivência, redenção e, claro, um pouco do humor leve pelo qual Johnny era conhecido; todas elas cantadas com sua inconfundível voz, sua marca registrada.

"Songwriter" estará disponível para streaming e download, e também em CD e em uma variedade de opções de vinil, incluindo o preto padrão e diversas variantes de cores de edição limitada.

"O conselho que meu pai dava para qualquer coisa, na vida ou na música, era sempre 'siga seu coração'", disse John Carter. Foi o bom senso do pai que o guiou em cada passo do caminho ao criar "Songwriter". Depois de reduzir as gravações originais apenas aos vocais e ao violão de Johnny, ele procurou Ferguson, um velho amigo e engenheiro de Johnny por anos, e os dois começaram a criar um álbum que honrasse e amplificasse as composições e a voz atemporal de Johnny, mantendo-se fiel ao espírito das gravações. "Ele sempre foi meu herói. Me senti a pessoa mais sortuda do mundo por ter gravado com ele", disse Ferguson.

Continua na página seguinte

Um fazedor de canções

Filho de Johnny Cash resgata vocais de uma gravação antiga do ídolo country e recruta músicos para dar forma ao projeto 'Songwriter'

No começo de 1993, Johnny Cash se viu sem contrato, após uma carreira de quase quatro décadas, e gravou um álbum de demos de composições no LSI Studios, em Nashville, com músicas que havia escrito ao longo de muitos anos. Na época, o LSI era propriedade de seu genro Mike Daniels e de sua filha Rosey, e ele queria ajudar a família financeiramente, ao mesmo tempo em que gravava músicas pelas quais tinha um carinho especial.

O desafio de trazer a obra de Cash para os dias de hoje

Jim Marshall Photography



Johnny Cash durante apresentação no presídio San Quentin

SHOWS EM PRESÍDIOS

JOHNNY CASH foi um dos músicos mais irreverentes dos Estados Unidos, as histórias da vida dele renderam até filme - "Johnny & June", estrelado por Joaquin Phoenix e Reese Witherspoon. Um dos fatos mais memoráveis da carreira de Cash foram as apresentações em prisões, que renderam álbuns marcantes como "At Folsom Prison" (1968) e "At San Quentin" (1969).

No dia 1º de janeiro de 1958, Cash se apresentou em uma prisão pela primeira vez: San Quentin, presídio de segurança máxima nos arredores de São Francisco, foi palco para o primeiro de muitos shows que o músico viria a performar para detentos. A apresentação não foi marcante apenas para Cash, mas para um dos detentos também.

Merle Haggard era um rapaz de apenas 20 anos preso por roubo quando assistiu a performance de Cash naquele dia. Haggard viria a tornar-se um dos maiores nomes da música country, e um dos fundadores do subgênero Bakersfield sound.

Sobre a primeira apresentação de Cash em uma prisão, Haggard lembra que "ele tinha a atitude certa. Mascava chiclete, parecia arrogante e mostrava o dedo do meio para os guardas."

espécie de primas "celestiais". "Acredito que meu pai a escreveu sobre a nave espacial Voyager, por volta da época de seu lançamento", disse John Carter.

Na época da gravação original, Johnny estava em um ótimo momento, tanto mental quanto vocalmente. As músicas que ele escolheu para gravar eram pessoais e foram

Quando chegou a hora de montar uma banda, dois músicos eram essenciais: o guitarrista Marty Stuart, que tocou com Cash em sua banda de apoio, The Tennessee Three, de 1980 a 1986, e o saudoso baixista Dave Roe (morto em setembro de 2022), que fez turnês com a banda de Johnny, começando no início dos anos 90 e permanecendo por quase uma década.

Para Roe, a experiência foi uma chance de refazer a experiência: ele havia tocado na sessão original de 1993, quando, apesar de ser um excelente baixista elétrico, era tão novo no baixo acústico, que ficava insatisfeito com sua execução. Depois de um show nessa mesma época, Cash deu a Roe dinheiro para fazer aulas e disse que ele tinha seis meses para aprender. Roe se tornaria um dos melhores baixistas acústicos do mundo e tocaria em centenas de álbuns antes de morrer. As sessões de "Songwriter" foram provavelmente suas últimas sessões. O baterista Pete Abbott foi trazido para completar o trio que gravou no Cash Cabin, o estúdio que Cash construiu em sua propriedade em 1979. Vários outros dos melhores músicos de Nashville foram recrutados para completar a banda.

Embora os músicos tocassem bem nas gravações originais de 1993, a qualidade do som deixava a desejar. Ao gravar com uma banda totalmente nova, John Carter, Ferguson e o engenheiro Trey Call trouxeram Cash para os processos contemporâneos e criaram um disco que soa como se ele tivesse gravado hoje.

"Fomos direto às raízes, no que diz respeito ao som, e tentamos não aprimorá-lo demais. Criamos como se meu pai estivesse na sala. Foi isso que tentamos fazer", diz Carter.

"Songwriter" começa de forma poderosa com a faixa de abertura, "Hello Out There", que soa como se Cash tivesse vindo do além, preocupado com a humanidade e com o estado do mundo. Gravada pouco antes de Johnny ter sido chamado pelo U2 para a faixa encerramento do álbum "Zooropa", "The Wanderer", as músicas poderiam ser uma

escritas ao longo de muitas décadas, sendo que algumas datam de meados ou do final dos anos 70. "I Love You Tonight" é uma carta de amor para sua esposa June Carter Cash; "Poor Valley Girl" é sobre June e sua mãe, a pioneira do country, Maybelle Carter. "Drive On" foi inspirada na dor crônica que sofreu devido a uma mandíbula quebrada no início dos anos 1990 e trata das dificuldades enfrentadas pelos veteranos na Guerra do Vietnã. "Acho que, para encontrar paz com sua própria dor física, ele queria entender como se sentiam outros", disse John Carter.

"Like A Soldier" trata de sua luta contra o vício e sua recuperação. "É algo que ele escreveu depois de seu primeiro período em um centro de reabilitação", conta Carter. "Ele sentiu que era como um soldado que estava se recuperando de uma guerra. O inimigo que ele estava combatendo, seu inimigo, era o vício. Ele estava entrando em uma nova vida e tinha a grande oportunidade de se curar", recorda. "Like A Soldier" foi incluída com gravação e arranjo diferentes no primeiro álbum de Johnny pela American Recordings em 1994. Mas agora "Songwriter" traz as primeiras gravações.

Outras faixas, como a homenagem "Have You Been to Little Rock?", mostram Johnny expressando orgulho por sua terra natal com uma bela melodia tradicional. "She Sang Sweet Baby James" é uma música carinhosa sobre uma jovem mãe solteira cantando "Sweet Baby James", de James Taylor, para confortar seu bebê. Johnny era fã de Taylor desde que ele se apresentou na primeira temporada do "The Johnny Cash Show", em 1971. O cantor também revisita uma de suas joias menos conhecidas, "Sing It Pretty Sue", lançada originalmente em 1962 no álbum "The Sound of Johnny Cash".

No início dos anos 1990, quando a música country estava mudando, Johnny se viu em um momento de calma em sua carreira, apesar de seguir forte e afiado em composição e voz. "Meu pai provavelmente estava saudável como nunca. Acho que essa voz, que foi meio ignorada na época, precisa ser ouvida", disse John Carter. "Merecia mais atenção aquele homem naquela idade, naquele momento específico da vida. Infelizmente, na época, ele não recebeu tanto quanto deveria."

"Songwriter" joga os holofotes de volta ao lado compositor de Cash. "Eu queria que fossem músicas que a maioria das pessoas não tivesse ouvido e que prestassem muita atenção em quem ele era como compositor e quem ele era como voz americana", explica John Carter.

Entre guitarras e dilemas contemporâneos

Gustavo Benção faz jornada por timbres, sonoridades africanas e desigualdades brasileiras em 'Afruzz', seu novo trabalho solo

Gustavo Benção, músico de destaque na cena carioca com o nome associado a projetos como Abayomy Afrobeat Orquestra e Do Amor, faz de sua música um caminho para experimentações sonoras e um olhar para a realidade. Se no seu último trabalho solo, "Axé" (2022), ele misturava a celebração e a dança com dilemas so-

ciais, estruturas familiares e lutas cotidianas, agora ele dá um passo além. "Afruzz", já nas plataformas, é uma jornada instrumental sobre os timbres e efeitos das guitarras africanas com um forte storytelling. A ideia é que o disco seja como a trilha de um filme.

"Esse é um filme que surgiu na minha imaginação quando estava finalizando e nomeando as faixas. Escutando as faixas e imaginei a



Divulgação



Benção sobre o álbum 'Afruzz': 'Há algum tempo pensava num disco instrumental, mas as palavras sempre encontravam uma maneira de permear a minha obra'

história de um jovem entregador de aplicativos, negro, periférico, estudante de arte e aspirante a artista multimídia, que luta pra sobreviver e exercer sua criatividade de alguma forma. Afruzz virou o nome artístico dele, e eu fui organizando e nomeando as faixas como uma espécie de narrativa, ou até mesmo pano de fundo pra acontecimentos num dia da vida desse jovem", com o artista.

"Há algum tempo eu pensava em fazer um disco instrumental mas invariavelmente as palavras sempre encontravam uma maneira de permear a minha obra. Dessa vez eu assumi de alguma forma o meu lado músico apenas, guitarrista, ou até multi-instrumentista, já que toquei os baixos, alguns teclados e as baterias eletrônicas. Mesmo já tendo feitos inúmeros temas instrumentais em trilhas sonoras, principalmente pro teatro, tive que exercer algum desapego da mensagem clara que muitas vezes a letra, a palavra dá", resume.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Abraçar a incerteza

A banda canadense A Short Walk to Pluto faz um indie folk com mensagem de esperança em meio a melancolia em "Nothing to Fear". A faixa fala do gosto agridoce de deixar para trás o que é familiar para perseguir o desconhecido. "Todos enfrentamos momentos em que precisamos dizer adeus a algo que amamos para dar espaço para evoluir", conta a banda. "Temos que abraçar essa incerteza, sentir a pressão aumentar, mas perceber, em última análise, que não há nada a temer ao abrir um novo caminho".

Ryan Brough/Divulgação



Divulgação

ETs e terráqueos

Projeto performático que une música pop e ficção científica, Paradise Guerrilla é uma banda formada por dois seres interdimensionais, Frankstation e U.F.O., e uma terráquea, Starlight. Essa formação misteriosa já antecipa os ambiciosos objetivos do projeto: explorar sons novos como quem desafia o desconhecido. Unindo a realza do pop dos anos 80, tons de disco, sonoridades do começo dos anos 2000 e uma postura rock, eles lançam "Superbaby", seu novo single. A faixa é uma ode à determinação e à realização de sonhos, sobre qualquer pessoa em busca de sua essência interior.



Divulgação

Hora de se buscar

Partida, reencontro e autodescoberta ganham vida na emocionante canção "Sabiá", colaboração entre Carol Dytz e Jota G. O single narra a jornada de busca por si mesmo após o término de um relacionamento, explorando um universo bucólico e reconfortante. Com vídeo intimista registrado na Lagoa de Marapendi, a música evoca um sentimento de saudade e nostalgia ao mesmo tempo que projeta esperanças no caminho por vir. Carol é uma cantautora que mescla MPB, bossa nova e soul. Suas letras exploram temas como autocohecimento, nuances do cotidiano e o amor.

CORREIO CULTURAL

Rafael Catarcione/Prefeitura do Rio



Prefeitura: injeção de mais recursos

Prefeitura do Rio amplia investimentos em cultura

A Secretaria Municipal de Cultura financiará mais cultura na cidade em 2024, com a ampliação dos recursos destinados à Lei Municipal de Incentivo à Cultura - Lei do ISS. Este ano serão viabilizados mais de R\$ 76,2 milhões, o maior valor na história da lei que surgiu em 2013. As inscrições para os produtores culturais interes-

sados em acessar o benefício vão até o dia 31. O edital prevê que pelo menos 40% dos patrocínios superiores a R\$ 300 mil sejam destinados a projetos de produtores culturais sediados nas zonas Oeste e Norte (exceto Barra) ou em favelas do Centro e da Zona Sul ou em projetos culturais que nunca conseguiram captar.

Reformulação

O SBT decidiu fazer uma reformulação importante no seu jornalismo. José Occhioso, diretor nacional de Jornalismo da emissora desde 2017 e executivo da área desde 2011, foi desligado. Sua saída pegou funcionários de surpresa.

Turnê brasileira

Bruno Mars fará quatro shows no Brasil durante o mês de outubro. O primeiro será no Estádio Nilton Santos no dia 4. A turnê fará ainda duas datas em São Paulo (8 e 9) e Brasília (17). A pré-venda começa nesta segunda (6).

De saída

Apresentadora do jornal CNN 360, exibido nas tardes do canal de notícias, a jornalista Raquel Landim pediu demissão e deixou a CNN Brasil após cinco anos. O canal de notícias foi a primeira experiência da jornalista em televisão.

Um novo filão

Drea De Matteo, que interpretou Adriana La Cerva em "Família Soprano", disse que ganha mais no OnlyFans do que quando trabalhava no famoso seriado. A atriz de 52 anos criou seu perfil no site de conteúdo adulto há sete meses.

Divulgação



Valentina Herszage e Caco Ciocler num embate em 'As Polacas', de João Jardim

Calvário das polacas no FESTin

Eletrizante drama de época de João Jardim é um dos achados do 15º Festival de Cinema Itinerante da Língua Portuguesa, que leva filmes nacionais à Europa

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Um dos achados da **U**m dos achados da **Première Brasil** de 2023, ainda inédito e circuito, "As Polacas" vai navegar pelo Atlântico, nas águas da 15ª edição do Festival de Cinema Itinerante da Língua Portuguesa, o FESTin, em Lisboa. O evento faz uma celebração da lusofonia e acontece também em telas brasileiras, em datas diferentes. O longa-metragem de João Jardim passa por lá nesta quinta-feira (9). A principal novidade do evento em sua versão lusitana a expansão de suas atividades por diversos espaços.

Jardim oferece ao FESTin um espetáculo narrativo enervante. Na contramão de um modelo hollywoodiano de se fazer recriações de época com planos abertos, panorâmicas e luz "lavada", apolínea, "As

Polacas" trilha uma rota intimista, de "filme de gabinete", mais turva, quase num registro de chiaroscuro, com efeito de tons de marrom e vermelhos terrígenos. É assim o Novo Mundo que é ofertado às estrangeiras que aqui chegaram ao fim da I Guerra.

O que o FESTin vai ver é um painel histórico fotografado por Louise Botkay (numa luz elegante em sua dimensão mais penumbrosa) que louva a sororidade, no que ela tem de mais universal. Jardim opta por uma estética de cinema clássico, porém, algo de moderno.

Documentarista indicado ao Oscar pelo belo "Lixo Extraordinário" (feito a três, com Karen Harley e Lucy Walker), Jardim tem uma retidão infalível em "As Polacas": seu foco é o calvário de judias que vieram para as Américas à cata de subsistência digna e trombaram com a exploração sexual. Numa atuação

devastadora, Caco Ciocler vive o cafetão hebreu Tzvi, que abusa de jovens em estado de errância. Há uma delas, Rebeca, bem defendida por Valentina Herszage, que despe a cota de malha farpada daquele mundo de alcova e submissão.

Quem constrói a sinuosa dramaturgia (calçada em silêncios, cumplicidades, desejos represados e brutalidade) é um time de roteiristas formado por Teresa Frota, Jaqueline Vargas e Flávio Araújo, sob as aparas finais do "maestro" George Moura (de "O Grande Circo Místico"). Moura e Jardim fizeram "Getúlio", de 2014, juntos. Voltam a se unir sob a produção de Iafa Britz, que escuda o longa com uma preciosa pesquisa sobre a diáspora judaica.

Sintonizado com pautas sociais, "As Polacas" evita como pode a objetificação e a superexposição gráfica nas agressões em coitos. Sua trama se ambienta em 1917, quando Rebeca (o papel de Valentina) pisa aqui. Fugindo da fome, do antissemitismo e da guerra na Polônia, ela chega ao Rio pronta para recomeçar a vida. Ao contrário das promessas de felicidade, a realidade encontrada na cidade é muito diferente. Ao descobrir que o marido morreu, a moça acaba se tornando refém de uma rede de prostituição e tráfico de mulheres judias, chefiada pelo impiedoso Tzvi, que Caco interpreta numa medida de força similar à de Othon Bastos como o Paulo Honório de "São Bernardo" (1974). Ao ser obrigada a transgredir suas próprias crenças, Rebeca encontra aliadas que vivem o mesmo drama e, juntas, lutam por liberdade, na criação de um cemitério no bairro de Inhaúma onde podem ser enterradas a partir de um ritual bento, numa purificação. Sem se deixar perder em firulas de época, o longa se detém sobre a aliança das garotas de programa que se forma nesse Rio dos anos 1910 a fim de debelar o jugo sexista.

No FESTin, até domingo, serão projetados ainda "Mussum, o Filmis", de Silvio Guindane; "Nada Será Como Antes", de Ana Rieper; e Mamonas Assassinas - O Filme", sucesso de bilheteria de Edson Spinello.

ENTREVISTA / MARINA PROVENZZANO, ATRIZ

'A música pega a gente pelas tripas'

Divulgação

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

O nipresente em vários streamings, seja com "Bom Dia, Verônica" na Netflix, seja com "Fim" no Globoplay, Marina Provenzano amplia sua sintonia com o cinema ao assumir o papel da principal locutora da Rádio Fluminense, a Maldita, no filme "Aumenta Que É Rock'n'roll". Seu currículo traz pérolas como "O Grande Circo Místico" e "Mormaço" ao mesmo tempo em que se abre para futuras promessas, como o esperado "Vitrines". Na entrevista a seguir, ela conta ao Correio da Manhã como é sua relação com rock e o quanto sua vivência musical pesou na construção da figura de Alice, personagem essencial para a história roqueira de cariocas e de niteroienses. Seu estilo de atuação fino, sempre atenta às camadas de sentido do silêncio, fazem diferença em cada papel que ela assume.

Qual foi o lugar do rock'n'roll na sua juventude e que bandas ou cantores te formaram e te fizeram a cabeça?

Marina Provenzano: O rock foi fundamental na minha juventude, porque ele me trouxe a sensação de subversão, de me rebelar contra o que eu não concordava, de desconfiar do que me era apontado como norma. E isso foi no corpo antes de eu começar a entender essas coisas na minha cabeça. A música tem esse poder: pega a gente pelas tripas. Meu primeiro amor de rock foi o Queen, dos internacionais; e Cazuzu, aqui do Brasil.

Qual é o recorte político e poético da sua personagem no filme, na relação com Luiz Antônio da rádio Fluminense, a Maldita?

A Alice, minha personagem no filme, é uma das locutoras da rádio. Uma mulher vivendo o fim de um período de muita

repressão em um país extremamente machista. A Fluminense FM foi a primeira a ter locução feminina, e ainda exclusivamente feminina. Entrou no filme, praticamente na íntegra, o discurso de abertura da rádio onde o Luiz fala que a rádio acredita no poder transformador da mulher, e literalmente colocou o microfone nas mãos delas, há mais de 40 anos. A Alice é uma mulher dividida, buscando a identidade dela, e ali na rádio é onde ela pode exercitar o berro dela, o grito dela, o "não" dela. E a relação dela com o Luiz Antônio me encanta porque são duas pessoas que se apaixonam pelo o que é torto, furado e maldito da outra.

Que filmes mais marcaram a sua relação com cinema?

Eu sou fundada por filmes como "Bye Bye Brasil", "Oito e Meio", "Persona", "Uma mulher é uma mulher", "Uma mulher sob influência"... A lista é extensa. Ao mesmo tempo amo profundamente tudo que o Yorgos Lathimos faz, desde "Dente Canino" e os filmes do Ruben Ostlund, de "Triangulo da Tristeza".

O que está por vir?

Por vir tenho dois longas. Um é o "Vitrines", de Flávia Castro, feito a partir da vivência dela. É um filme em que a protagonista é uma menina de 10 anos, Ana, que se refugia com os pais e o irmão na embaixada da Argentina no Chile, quando tem o golpe do Pinochet. Faço Daniela, a mãe. Vemos o recorte desse momento através do primeiro amor dessa menina. Tenho ainda "Overman, o filme", dirigido por Tomás Portella a partir das tirinhas da Laerte. Faço Pane, uma supervilã russa. No momento estou filmando "Vítimas do dia", de Bruno Safadi, nesse novo projeto da Globo. É o Estúdios Globo, que consiste em filmar lá dentro longas.



MORA NA FILOSOFIA

ALDO TAVARES
PROFESSOR-MESTRE EM FILOSOFIA

Papo com Santo Agostinho

O cristianismo não se reduz à fé, sendo também ciência ou episteme, por exemplo, a PUC-RJ é cristã e produz ciência. Quando se pergunta “o que é”, essa busca pelo “ser” é o princípio da filosofia clássica e, por conseguinte, da ciência. O ser nos dá a identidade, pois possibilita identificar. O “ser” organiza. Eu soube que Santo Agostinho estava no Rio de Janeiro e nos encontramos na Igreja de Nossa Senhora de Montserrat, onde fica o Mosteiro de São Bento, localizado em uma ilha suspensa, no Centro, cercada de prédio por todos os lados. Encontrar pessoas é encontrar palavras.

Fale um pouco do livro “A vida feliz”.

Era fim de outono de 386, e o livro foi concluído após três dias de discussão com amigos. Escrevo nele que, diferente dos tempos atuais, o corpo não nos possibilita a felicidade por ser instável, passageiro.

O que nos dá constância?

A alma, e seu alimento é o conhecimento das coisas, a ciência. Quando sabemos “o que é”, algo perdura, não se altera, ficando sempre igual a si mesmo, o que impede de o sujeito ficar perdido.

Deus, então, é ciência?

Sim, considerando que a ciência busca o ser. Deus é o Ser absoluto. A ciência, então, é a arte que nos ajuda a fazer bom uso das coisas temporais, considerando que, sem ciência, não há sabedoria.

Mas o que é estável no

mundo?

Deus. Apenas Ele nos oferta a felicidade por nos dar o estável.

Mas teu Deus é católico.

Acima da manifestação cultural de cada religião, existe o Deus pensado na condição de ser o Bem maior. Embora tenhamos o terreiro de umbanda ou a igreja, o Bem é único, e a sabedoria é o sumo bem.

Poderia nos dar um exemplo?

Conheci um terreiro de umbanda no Rio em que um irmão franciscano leciona Filosofia só para alunos negros e pobres. Esse encontro entre franciscanos, umbandistas e professores laicos e voluntários chama-se Educafro, onde terreiros transformam-se em salas de aula para o aluno negro sem condições de pagar vestibular. A educação é o sumo bem, aproxima culturas religiosas tão diferentes. Educafro é exemplo.

Deus não é uma questão de fé?

Não se pode amar o que desconhecemos, por isso é preciso conhecer a Escritura como ciência, é preciso conhecer a Palavra para poder amar e, quando digo conhecer a Palavra, digo o ser da Palavra, digo “o que é” a Palavra, a fim de que Ela seja estável na alma.

Suas últimas palavras.

Em Romanos 2,11, “porque para com Deus não há acepção de pessoas”, não há distância, por exemplo, entre franciscanos e umbandistas.



‘Três Irmãos’ atualiza criticamente um texto escrito por Jorge Amado há mais de 75 anos

Um olhar atual sobre o êxodo

Cia Cerne volta a encenar espetáculo premiado que celebra passagem de Jorge Amado pela Baixada Fluminense

A Cia Cerne de Teatro apresenta no Teatro Café Pequeno o espetáculo “Três Irmãos”, que rendeu ao dramaturgo e diretor Vinícius Baião o Prêmio Shell na categoria dramaturgia. O espetáculo se debruça pela passagem de Jorge Amado por São João de Meriti, na Baixada Fluminense, onde morou quando exerceu o mandato de deputado federal, entre 1946 e 1948.

O consagrado escritor não apenas morou em São João, mas presenciou de perto o próprio nascimento da cidade, uma vez que sua emancipação ocorreu

justamente em 1947.

E foi nesta passagem do autor baiano por terras meritenses que ele escreveu e publicou o romance “Seara Vermelha”, o último antes de partir para o exílio, e que inspira o espetáculo Três Irmãos. A peça narra a história de uma família expulsa das terras onde trabalhava e que sai a pé rumo a São Paulo, experimentando, no trajeto, a fome, morte, doenças e tantas outras penúrias.

O espetáculo conta com um elenco formado por Elizandra Souza, Gabriela Estolano, Higor Nery, Leandro Fazolla, Madson Vilela, Rohan Baruck e Diogo

Nunes (stand-in), e usa como mote principal a história dos três filhos do casal que saíram de casa antes do grande êxodo da família: João vira policial, José se torna cangaceiro, e Juvêncio engaja-se no ativismo político. A partir dessas três formas distintas de se enfrentar as agruras da caatinga, Jorge Amado discute o Brasil de sua época, suas misérias e desigualdades. Através de um mergulho no passado, o espetáculo atualiza criticamente a história escrita por Jorge há mais de 75 anos para refletir o Brasil contemporâneo, ainda envolto em temas como miséria, fome e fundamentalismo religioso.

Fundada em 2013 em Meriti, a Cerne completa 11 anos se consolidando como uma das principais companhias da região. Tendo circulado por nove estados do Brasil e participado de diversos festivais, já recebeu mais de 50 prêmios.

SERVIÇO

TRÊS IRMÃOS
Teatro Municipal Café Pequeno (Av. Ataulfo de Paiva, 269 – Leblon)
Até 19/5, sextas a sábados (20h) e domingos (19h)
Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25,00 (meia-entrada e lista amiga)

CRÍTICA / RESTAURANTE / ÉCLAIR CAFETERIA E BISTRÔ

Coração de mãe

Por **Cláudia Chaves**

Especial para o Correio da Manhã

Aquela história que ser mãe é sofrer no paraíso ou o avental todo sujo de ovo nem cabem mais nos dias de hoje. Mas tem algo simbólico do amor materno, que de quem é capaz de distribuir afeto, a boa comida com pratos especiais, receitas próprias, variedade, farturas. Delicadezas que nos fazem sentir especiais. É exatamente o que a chef Millena Sá faz no Éclair Cafeteria e Bistrô.

Já em ritmo de Dia das Mães, meu filho Chico, aquele que é o rei das merendas, programou o cinemão no Imax, para vermos “Guerra Civil”. Fomos recebidos pela querida Millena, sempre sorridente, que com 25 anos já estudou nas mais importantes escolas, e faz doces inigualáveis pela textura, sabores e recheios absolutamente inovadores.

E cinema combina com o que? Misto-quente e milkshake. Só que o que se faz na Éclair é um típico croque ao monsieur (o misto cheio de queijo e presunto), ro-



Divulgação

O Éclair oferece delicadezas que nos fazem bem

deado do bechamel (farinha, manteiga, leite e aquele gostinho de noz moscada). A combinação com o milkshake de ovolmatine é a perfeição. O creme batido em cima, o líquido grosso com o gosto de chocolate e de ovalmatine. Daqueles de se tomar litros.

Depois fomos de pouco a pouco experimentando as

éclairs: todas, todas absolutamente deliciosas. Cheesecake com frutas vermelhas, Redvelvet, chocolate, brie com damasco, tantas e tantas. O espaço possui ambiente com mesas e cadeiras em seu interior inspirado em referências francesas, mas sem perder a característica clean, sofisticada e confortável para que os clientes possam degustar cada item do menu de forma aconchegante.

Café, mais um croque monsieur de presunto cru, aconteceu que quase desistimos. Quem ia querer ver tiro, bomba, tristeza depois de ver tanto amor e carinho como encontramos na Éclair Cafeteria e Bistrô. Ah e o Chico terminou com o clássico: “Mamãe ti amu!”

SERVIÇO

ÉCLAIR CAFETERIA E BISTRÔ

BarraShopping (Av. das Américas, 4666 - Loja 141, Praça XV - Nível Lagoa)

De segunda a sábado (10h às 22h) e domingos (13h às 21h)

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Mamãe é a hóspede

Tem coisa melhor do que se ir a um hotel? As mães vão virar hóspedes de luxo e comemorar em grande estilo com um almoço diferente no Curi Restaurante, especializado em comida brasileira, localizado no Venit Barra Hotel, na Barra da Tijuca. Com menus fartos e sobremesas que são um deleite, o buffet oferece, além de uma variedade pães e frios, saladas entradas do Cantinho do chef Deraldo Bomfim, como bolinho de bacalhau, costela de barbecue, anéis de cebola, ainda pratos quentes e sobremesas para todos os gostos.

Divulgação



Divulgação

Dia das Mães asiático

O chef Marcos Sodré é um dos grandes precursores da gastronomia tailandesa e oriental no Brasil. A frente da cozinha do Ban Thai, no A Concept Hotel & Spa, em Búzios, ele oferece sugestões especiais para o Dia das Mães. Para começar, um welcome drink. De entrada, opções como o carpaccio de vieiras, molho de coco e limão, brotos. Entre os pratos principais, ravioli de mussarela de búfala ao veloutée de palmito; bombom de alcatra wagyu com com batatas duchesse, demi glace e aspargos. De sobremesa, a imperdível trilogia de chocolate.



Diana Cabral

Receita de mãe

Existe maior amor do que uma fatia de pudim de leite, compacto, sem um furinho, com a caldinha cor de mel? A Pudim Deleite tem tudo a ver com o ser mãe. A gastronomia é um elo entre muitas mães e seus filhos, com receitas passadas de geração em geração. A avó de Adriana Kamnitzer a inspirou a criar a marca com seus pudins perfeitos. E ela se uniu à filha Rafa e se tornaram sócias na Pudim Deleite. E pensando em retribuir esse amor, a dupla criou produtos exclusivos para filhos presentear suas mães. Delícias feitas com amor.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

O papel tá caro, muita gente tá lendo em Kindles e aplicativos de celular e várias bancas viraram lojas de guloseimas. Porém, os quadrinhos ainda resistem e ainda revivam grifes de autor. Confira algumas apostas que andam arrebatando o público leitor:

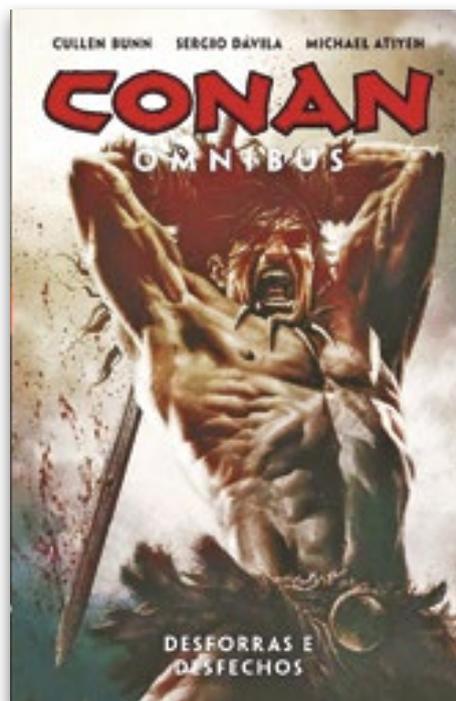
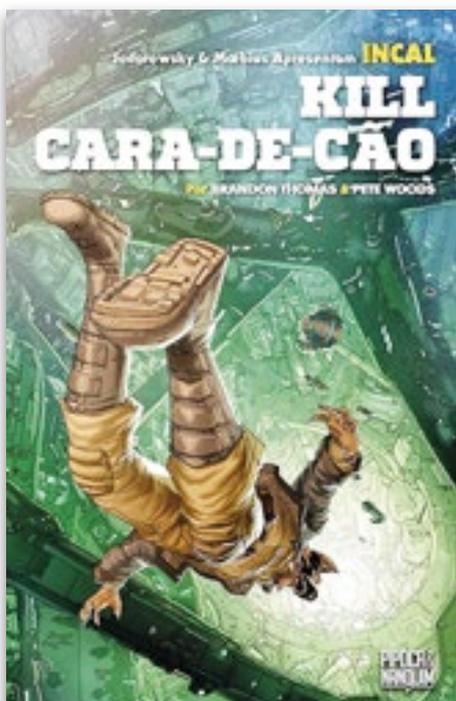
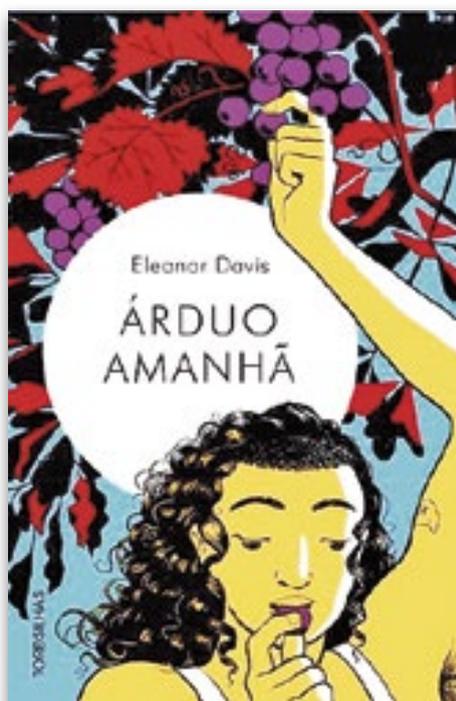
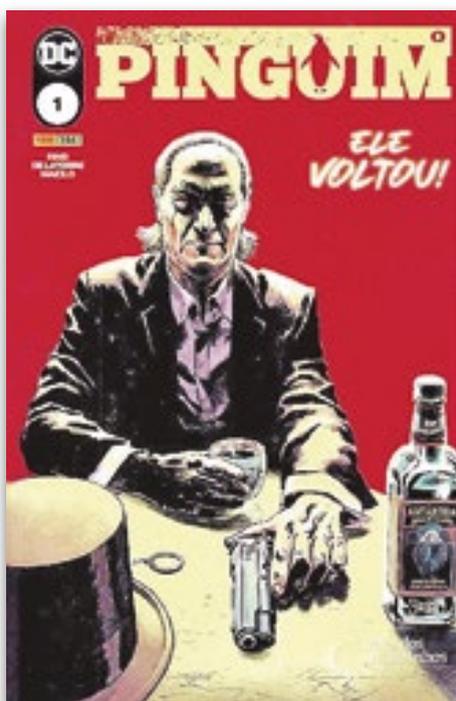
PINGUIM: Coletânea com roteiros de Tom King e desenhos de Rafael de Latorre. Criado em dezembro de 1941 e reinventado por Colin Farrell para uma série do MAX, o ás do guarda-chuva estrela um gibi só dele, lançado aqui pela Panini Comics, no qual finge a própria morte e se refugia em Metrópolis, a terra do Homem de Aço. Lá, ele não conta com seu império criminoso, mas segue fiel a seus instintos mortais.

SESENTA PRIMAVERAS NO INVERNO: A obra-prima das quadrinistas Aimée de Jongh e Ingrid Chabbert. Cabem à editora Nemo todos os louros da inclusão e da excelência por trazer ao Brasil a HQ do ano. Encarada hoje como a quadrinista mais inquietante de nosso tempo, a autora holandesa responsável por cults como “Táxi!” une seu talento ao da roteirista francesa Ingrid Chabbert para falar de amor numa fase outonal da vida. No dia em que completa 60 anos, Josy, a protagonista desta joia, recusa-se a assoprar as velas do bolo de aniversário. Ela já está de malas prontas. Havia tomado uma decisão: iria deixar o marido e a casa para recuperar a sua liberdade, ganhando a estrada com a velha Kombi. No caminho, uma paixão inesperada, em todos os sentidos, vai mudar suas perspectivas acerca do futuro.

INCAL – KILL CARA-DE-CÃO: Concebida pelo cineasta e tarólogo franco-chileno Alejandro Jodorowski (diretor de “El Topo”) e pelo quadrinista Jean “Moebius” Giraud (1938-2012), a saga sci-fi de fantasia e lisergia “O Incal” nasceu em dezembro

Balõeszinhos que não caem

Mercado se aquece com novos lançamentos de grifes autorais e revisões de personagens clássicos



de 1980 na revista em quadrinhos “Métal Hurlant” e seus seis álbuns foram publicados entre 1981 e

1988 pela Les Humanoïdes Associés com o título “Uma Aventura de John Difoof”. Cerca de 40 anos

depois de sua criação, os quadrinistas Brandon Thomas e Pete Woods retornam àquela saga atrás

do ET canino Tête de Chien, explorando suas peripécias sexuais. Les Humanoïdes Associés edita o gibi na Europa e a Pipoca & Nanquim o edita por aqui.

DYLAN DOG & DAMPYR: As traduções sempre impecáveis de Julio Schneider fazem valer a leitura dos quadrinhos da milanese Sergio Bonelli Editora trazidas para o português pela Mythos. Desenhos de Daniele Bigliardo e de Brindisi alimentam a força plástica do encontro entre o Investigador do Pesadelo e o Caçador de Vampiros. Quando uma praga de sugadores de sangue, armados até as presas, resolve atacar Londres, Dog, um detetive acostumado a explorar tramas sobrenaturais, une forças com Harlan Draka, o Dampyr.

ÁRDUO AMANHÃ: Eis um belo exercício de criatividade gráfica de Eleanor Davis. A autora dessa HQ da editora Tordasilhas ganhou o LA Times Booker Prize por um estudo precioso sobre o limite entre inércia e resiliência numa narrativa que celebra a união, na amizade e no amor. Sua protagonista, Hannah, uma cuidadora de idosos, que anda cheia de dúvidas em suas cabeças, é “a” personagem de quadrinhos do ano em nossas livrarias. Seu namorado é maconheiro profissional que vive da erva e sonha finalizar uma casa do campo, para plantar legumes e cânhamo. Já Hannah só quer ter um bebê. Mas a vida anda cruel com seu desejo. O traço de Eleanor é de uma elegância modiglianesca.

CONAN – OMNIBUS: DESFORRAS E DESFECHOS: o escritor Cullen Bunn (de “Harrow County”) empresta a pena ao universo sangrento do bárbaro imortalizado por Arnold Schwarzenegger e adapta uma a clássica história do criador do guerreiro, Robert E. Howard, chamada “O Demônio de Ferro”. Ele une seu talento ao traço magistral do desenhista Sergio Davila (“Red Sonja”) e ao refinamento do colorista Michael Atiyeh (“Star Wars”). Este volume da Mythos reúne as edições de 1 a 12 da série “Conan the Slayer”.